

INCLUSÃO SOCIAL: OS DESAFIOS DA ESCOLA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

João Batista de Souza
Wamberto Nunes Soares Mouzinho
Maria Aparecida Fernandes Medeiros
Mônica Sales da Silva

FECP-Faculdade de Educação do Cariri Paraibano; joabatistasouza2016@hotmail.com

FECP-Faculdade de Educação do Cariri Paraibano; wamberto68@hotmail.com

UVA/UNAVIDA-Universidade Estadual Vale do Acaraú/Universidade Aberta Vida;

professora_aparecida@yahoo.com.br

FECP-Faculdade de Educação do Cariri Paraibano; monicasalesdasilva@gmail.com

Resumo:

O presente artigo traz uma reflexão sobre a questão teórica do papel dos profissionais que atuam diretamente com alunos com necessidades especiais tendo como tema Inclusão Social: e os Desafios no Processo de Ensino Aprendizagem. Falar de dificuldades de aprendizagem é algo corriqueiro e comum tanto em nossas escolas como em outros lugares. Tomando como base o conceito de psicopedagogia. Dessa forma, a escola precisa estar atenta para os novos paradigmas educacionais, é hora de rever os conceitos reformulados no campo da psicopedagogia e encarar os problemas da escola, procurando intervir de forma dinâmica das intervenções feitas com base na psicopedagogia, por ser uma área que atua diretamente no assunto, cabe à escola acioná-la quando necessário ouvindo as queixas e elaborando técnicas inovadoras de apoio ao professor em favor da criança. É comum ouvir de professores que determinada criança não consegue aprender, quando na realidade todas são capazes de aprender, precisa apenas ser bem assistida e estimulada, cabe à escola e equipe técnica procurar meio que melhor atenda às necessidades da criança e foque diretamente na dificuldade do educando. As intervenções dos psicopedagogos e supervisores escolares são um elo neste processo, pois são eles que vão identificar os problemas e criar as intervenções para assim sanar as problemáticas encontradas, conhecendo formas diversificadas de competências relacionado com o saber fazer e como fazer, ou seja, o professor e equipe técnica precisam saber os conhecimentos específicos para conduzir o processo de intervenção em vários contextos. Para muitos professores o simples fato de estar com uma criança que aprende com ritmo mais lento é motivo de discussão e acabam rotulando a criança, dando origem às queixas, por não saberem lidar com esta diferença, como também comodismo, para inserir uma criança no mundo letrado, o que é dever da escola, para isso precisa contribuir para o desenvolvimento desta criança, enquanto sujeito apto ao conhecimento.

Palavras-chave: Inclusão, Intervenção, Desafios, Dificuldade.

INTRODUÇÃO

Diante das discussões ocorrida sobre a inclusão social, surgiu esta inquietação em descobrir de fato como é desenvolvido o processo de ensino aprendizagem dos alunos portadores de necessidades especiais, seja ela intelectual ou mesmo comportamental. O que a escola está fazendo para incluir estes alunos?

Atualmente as discussões sobre este tema tem colocado em pauta a forma de como as escolas estão se adequando para acolher estes alunos e garantir de fato a

Permanência na escola, levando a família a perceber que a instituição escolar pode e deve executar um trabalho que leve a criança a desenvolver habilidades e a descobrir meio para se auto identificar.

A família muitas vezes por vergonha ou medo que a criança venha se machucar, esconde da sociedade e se isolam em seu mundo, precisando assim de um apoio da escola e sociedade, este trabalho visa discutir o processo de ensino aprendizagem criando uma rede que leve aos aprendizes o sucesso escolar, tendo como ponto primordial a família e a escola, os quais são parte integrante no desenvolvimento dessas crianças, portanto, este artigo visa propiciar a família e profissional docente uma atuação eficaz e um olhar mais atento no fazer pedagógico fazendo acontecer a inclusão social da melhor forma e lúdica.

Refletir sobre o fazer de cada profissional para melhor entender estes alunos e anseio da família.

Na verdade, a escola não foi pensada para atender a heterogeneidade. Toda a estrutura e funcionamento da escola regular são mais confortáveis ao considerar a homogeneidade do que com diferença entre os alunos. Mas o que é certo é que a heterogeneidade é cada vez maior nas nossas escolas e a premência de lhe dar uma resposta de sucesso é também cada vez mais inadiável. Em sociedades que prezam o seu desenvolvimento não é aceitável que existam alunos que abandonem a escola ou que, nela permanecendo, não obtenham sucesso. (INCLUSÃO: Revista da Educação Especial 2005).

Cabe à escola desenvolver um ambiente transformador, vendo de perto as dificuldades dos alunos, procurando vivenciar para assim tentar intervir, possibilitando assim atitudes transformadoras, melhorando o seu fazer pedagógico, daí a importância dos profissionais psicopedagogo e supervisor, pois eles auxiliam neste processo de aquisição do saber, em muitas vezes por falta de conhecimento ou mesmo atitudes passa despercebido, em muitos casos a escola tem uma visão e a família tem outra sobre o problema, o que fazer nesta hora? O ideal é alinhar família e escola para juntos chegar a um objetivo. A escola omite e continua seu papel de transmitir o conhecimento, mas esquece que os problemas sociais ou da comunidade escolar atingem o desempenho do aluno no seu processo ensino aprendizagem, quando isso acontece resulta em fracasso escolar.

Segundo LUCKESI, (1991 p. 68): “Educador é todo ser humano envolvido em sua prática histórica transformadora”.

Este trabalho esta fundamentado nas contribuições de FERREIRA, W.B. 2006 FREITAS, S.N. apud Revista Inclusão, (2006), RODRIGUES, apud Revista Inclusão (2007), PARRILA, apud Revista Inclusão, (2003), Revista Inclusão (2008), Nova Escola (2006), 2007, MASETO, 1997, LUCKESI, 1991, LIBÂNIO, 1994, dentre outros.

¹ Graduação em Pedagogia pela Universidade UEPB, Universidade Estadual da Paraíba, Especialista em Supervisão escolar e Psicopedagogia pela Universidade Cândido Mendes Mestrando em ciências da Educação pela UNIGRENDAL mail: joabatistasouza2016@hotmail.com.

² Graduação em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú – UVA, Especialista em Educação Infantil, Neurociência e Aprendizagem pela Universidade Cândido Mendes Mestranda em Ciências da Educação pela UNIGRENDAL e-mail: monicasalesdasilva@gmail.com.

³ Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Especialista Em Psicanálise Aplicada à Educação E Saúde pela Faculdade Anchieta, Mestre Em Psicanálise Aplicada à Educação E Saúde pela UNIDERC, Doutorando Em Ciências da Educação pela UNIGRENDAL., e-mail : wamberto68@hotmail.com

Fundamentação Teórica

As discussões sobre a inclusão social tem abrido um leque nas escolas, em contra partida muitas escolas ainda insiste em deixar de fora esta problematica que envolve familia comunidade e poder publico, sendo necessario uma intevenção com mais vigor por parte das secretarias de educação, que já tem mostrado uma preocupação efetiva e se aperesenta como uma grande evolução para os dias atuais.

As escolas passaram a oferecer em suas grades curriculares e incentivaram os professores a terem uma atitude mais plausiva, ou seja, um olhar mais atento para as crianças portadoras de necessidade especiais, mudança de comptamento e de atitude fazem a difereça no processo de aquisição de ensino aprendizagem.

O professor que inclui deve estar embasado nestes requisitos segundo a Resvista Nova Escola (2006). Fonte: Aprendendo sobre os direitos da Criança e do Adolescente com Deficiência, Save the Children Suécia.

- Procura conhecer a legislação que garante o direito à Educação das pessoas portadoras de necessidades especiais;
- Exige auxílio, estrutura, equipamentos, formação e informações da rede de ensino;
- Deixa claro aos alunos que manifestações preconceituosas contra quem têm necessidades especiais não serão toleradas;
- Não se sente despreparado e, por isso, não rejeita o com necessidades especiais;
- Pesquisa sobre as necessidades especiais e busca vestratégias escolares de sucesso;
- Acredita no potencial de aprendizagem do aluno e na importância da convivência com ele para o crescimento da comunidade escolar;

- Organiza as aulas de forma que, quando necessário, seja possível dedicar um tempo específico para atender às necessidades específicas de quem tem necessidades especiais;
- Se há preconceito entre os pais, mostra a eles nas reuniões o quanto a turma toda ganha com a presença de alguém com necessidades especiais;
- Apóia os pais dos alunos com informações.

O ambiente escolar é um espaço onde devemos combater o preconceito, partindo dos profissionais que nela atua e a melhor forma de combater é aceitando que ela existe e precisa ser encarada, pois a resistência parte de desconhecimento, para isso, a escola precisa desenvolver um trabalho que levem a compreender que todos são iguais e precisam ser respeitado, criando uma cultura de respeito e tolerância.

Segundo DORIAN apud Nova Escola (2006 p. 36);

Escola não é lugar de sofrimento e humilhação. Por isso os professores e funcionário precisam adotar posturas conscientes e coerentes com seu papel de formadores, “quem pode dizer onde terminam as possibilidades de aprendizado de quem tem deficiência? Só com as portas abertas da escola é que poderemos saber. Por isso ela é tão importante”, conclui Dorian.

Cabe à escola e aos profissionais que nela trabalham estar preparados os até mesmo se qualificarmos para a inclusão, sabemos que muitos são os preconceitos que uma criança portadora de necessidades especiais irá passar durante todo o ciclo da sua vida, sempre escutamos os profissionais da educação reclamarem que não estão preparados ou que não foram preparados para lidar com esta situação, isto nada mais é do que o próprio preconceito embutido na mente destes profissionais, aflorando, emergindo. Assim como os pais que também não foram preparados para tal situação, mas deixaram de lado todo e qualquer preconceito e encontraram meios de conviver e desenvolver habilidades cognitivas com estes filhos, garantindo-lhes o direito de socialização e de aprendizagem, cabe a nós que fazemos a comunidade escolar nos despirmos de todo e qualquer preconceito, e como formadores abriremos nossas mentes e ir à busca de estratégias que garantam os direitos de aprendizagem destas crianças.

Segundo Azevedo apud Neto e Vale, (2000, p.50) [...] não se pode esquecer que a escola e principalmente a sala de aula, são espaços que se concretizam as definições sobre a política e o

planejamento que as sociedades estabelecem para se própria como projeto ou modelo educativo que tenta por em ação.

Mais, sobretudo não adianta dar acesso ao acervo se o aluno ainda não consegue processar as informações. A escola em seu modo particular precisa indetificar e arcionar a equipe técnica para juntos elaborar meio que possa realmente despertar nos profissinais a capacidade de entender e a buscar superar estes desafios da melhor forma.

É importante lembrar aos professores que não estão só em nehum momento de sua trajetória a escola em si e equipe como: coodenadores pedagogico, supervisores, psicopedago, e psicologo, estão sempre lutando para que o professor se sinta mais capaz, assim sendo mais seguro e eficaz na sua metodologia de ensino.

De acordo com a revista INCLUSAO (2005 p. p. 9, 10, 11, 12) os desafios de adequação dos modelos de formação as novas necessidade podem, talvez, ser sistetizados em cinco pontos principais.

- Face ao periodo da vida profissional em que esta formação tem lugar. Tradicionalmente, a componente essencial da formação passava-se em uma fase pré-profissional num periodo que se convencionou chamar de “formação inicial”.
- O papel que desempenha o trabalho cooperativo nas comunidades de professores é outros dos desafios atuais. O professor tem tendência para considerar os seus sucessos e insucessos como feitos pessoais. O pranejamento, a avaliação, entre outros, são processo0s que cada professor tem por tradição reservar para si. Ora a crescente complexidade dos programas, a heterogeneidade do comportamento dos alunos, das respostas institucionais das novas áreas curriculares etc.
- Outro desafio relaciona-se com a conciliação entre a teoria e as aptidões necessária para atuar em Educação (FREITAS, 2006). Do lado da teoria temos a investigação, o conhecimento pedagógico e outros saberes; do lado das aptidões temos a experiência e o conhecimento específico da matéria a lecionar (HEGARTY, 2007).
- Outro desafio é o do desenvolvimento da Educação Inclusiva (EI). Cada vez que se fala em Educação Inclusiva é preciso distinguir qual o conceito que dela usamos. A EI tem por objetivo alterar as praticas tradicionais, removendo as barreiras à aprendizagem e valorizando as diferenças dos alunos. A Educação Inclusiva organiza e promove um conjunto de valores e praticas que procuram responder a uma situação

existente e problemática de insucesso, seleção precoce ou abandono escolar. Promove a heterogeneidade em lugar da homogeneidade.

- Outro desafio ainda é como se podem interligar os diferentes níveis de formação. Em muitos sistemas educativos existem lugares específicos para professores cuja função é apoiar a aprendizagem de alunos com dificuldades.

De acordo com DORIAN apud Nova Escola (2006 p.36). A inclusão ensina a tolerância para todos que estão diariamente na escola e para a comunidade. "A chegada das crianças com necessidades especiais está provocando uma grande reflexão".

CONCLUSÃO

Diante do que foi abordado sobre a Inclusão social, podemos analisar que a família está em primeiro plano na vida das crianças portadoras de necessidades especiais, depois vem a escola, mas cabe aos pais desenvolverem o senso crítico sobre seus filhos levando-os a ingressarem em mundo mais digno e justo sobre o que estão vivendo no dia a dia.

O governo federal já começou a implantação de sala de recursos onde as crianças podem ser assistidas desde que os pais se interessem na aprendizagem dos seus filhos, isso, vai além de uma inclusão, isso é vida, pois quando a criança está inserida no meio letrado irá se desenvolver mesmo que de forma lenta, mas, esse desenvolvimento vindo gradativamente todos os dias, fará com que sua qualidade de vida seja mais digna e conseqüentemente a criança irá se sentir ativa.

Nesse contexto, os pais de alunos especiais precisam estar inseridos no meio da educação junto a seus filhos, para levarem conhecimentos até suas casas e nos momentos oportunos transmitirem aos seus filhos, mesmo as crianças sendo acompanhadas por profissionais de saúde e educação é necessário a presença dos pais ou responsáveis nessa jornada diária para que vivenciando um processo lento de aprendizagem possam sentir que seus filhos, mesmo vivendo grandes limitações podem desenvolver habilidades dentro dos seus limites.

O sorriso de uma criança é o seu cartão de visita para a demonstração do que está indo bem na sua vida diária, quando os pais incluem seus filhos juntos aos ditos normais eles se sentem felizes em poder participar das mesmas atividades que os demais, o educador precisa ter um olhar crítico, voltado a aprendizagem dos alunos onde se busca a aprendizagem através do lúdico se tratando de crianças portadoras de necessidades especiais ou não, as crianças tem um poder de criação muito além do que

se pode imaginar, e nesse sentido quando a sala de aula recebe um aluno com habilidades inferiores aos demais, pode-se observar o cuidado que os alunos tem com esse ser, tentando a cada custo incluí-lo nas suas atividades diárias.

Por isso, precisamos nos certificar se estamos preparados para receber essas crianças nas nossas salas de aula, se a escola está oferecendo subsídios que façam com que essas crianças avancem nas suas habilidades e consequentemente aprenda de fato dentro dos seus limites serem alfabetizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Janete M. Lins. **A Educação Como Política Pública**. Coleção Polemica do Nosso Tempo, 2000.

FERREIRA, W. B. Inclusão x Exclusão no Brasil: reflexões sobre a formação docente dez anos após Salamanca. In: RODRIGUES, D. (Org.). **Inclusão e Educação: doze olhares sobre a Educação Inclusiva**. São Paulo: Sannuns. Editorial, 2006.

PARRILLA, A. E HARRY, D. Criação e desenvolvimento de grupos de apoio entre professores. São Paulo: ed. Loyola. 2003.

Inclusão: Revista da Educação Especial/ Secretaria de Educação Especial. V. 1, n, 1 (out. 2005). – Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2005.

LIBÂNIO, José Carlos. Prática educativa pedagógica e didática. IN didática. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar. Estudos e Proposições. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1991.

MASETO, Marcos. Planejamento: Instrumento de ação educativa. Didática: “A aula com centro”. 4. Ed. São Paulo: FTD/1997, p. 76-81.

Nova Escola: Revista www.nova.org.br. 2006.

PERROTTI, Edmir. Biblioteca não é depósito de livros. Anos XXI. Nº 193. São Paulo. Junho/ Julho, 2006, p. 24

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação infantil. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil** Vol. 3. Brasília: MEC/ SEF, 1998.